

FEDERICI, Sílvia. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 160 p.

Ana Carolina de Oliveira Gonçalves¹

Recebido em: 15/02/2021

Aceito em: 02/03/2021

A bruxa é um personagem comum no imaginário popular. A figura de uma mulher idosa, rabugenta e que vem castigar crianças travessas é algo partilhado por muitas culturas ao redor do mundo. A origem e a construção da bruxa ao longo da história é objeto de investigação da autora Sílvia Federici em sua obra *Calibã e a bruxa* (2017) e mais recentemente em seu livro *Mulheres e caça às bruxas* (2019).

A partir dos assuntos abordados em *Calibã e a bruxa*, a autora reuniu no livro *Mulheres e caça às bruxas* ensaios com novas reflexões e investigações partindo da relação entre mulheres, dinheiro e a campanha ideológica que impulsionou a caça às bruxas entre os séculos XV e XVII. Federici enfatiza a relação desse evento ao processo de cercamento de terras e seus desdobramentos, como a formação da classe trabalhadora e o surgimento de populações pobres e inaptas ao capitalismo nascente, formadas por mulheres em sua maioria. Baseando-se nesses acontecimentos, a obra discute sobre o crescente cercamento do corpo femini-

1. Mestranda e pesquisadora no Laboratório de Estudos sobre Diferenças, Desigualdades, e Estratificação da UFRJ, no qual desenvolve estudos relacionados a gênero e movimentos sociais, com ênfase nas relações entre aborto, corpo, e medos sociais. Email: anacarolina.olliveira@hotmail.com

no nos dias atuais por meio do controle estatal sobre sexualidade e capacidade reprodutiva das mulheres, reforçando como ainda é pertinente debater o tema da caça às bruxas.

O livro possui um total de seis artigos, e é dividido em duas partes. A primeira parte é composta pelos quatro artigos “Porque falar outra vez de caça às bruxas?”, “Caça às bruxas, cercamentos e o fim das relações de propriedade comunal”, “Caça às bruxas e o poder das mulheres” e “Sobre o significado de gossip”. Nesta parte, busca-se resgatar elementos chaves da caça às bruxas do século XV e XVII. Destaca-se o cercamento de terras, medida imprescindível para a transformação da produção agrícola em empreendimentos comerciais que se desdobra na mudança de códigos sociais e reestruturação de todos os aspectos da vida. Outro ponto, é o papel de vítima das mulheres nesse processo, mostrando como na verdade a resistência delas era o principal fator de ameaça da ordem capitalista nascente naquele momento.

A segunda parte do livro é composta por mais dois artigos, “Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica” e “Caça às bruxas, globalização e solidariedade feminina na África dos dias atuais”. Os artigos falam sobre novas formas de violência e controle do corpo feminino, relacionando novas formas de acumulação do capital ao crescente cercamento de corpos na África, América Latina e Índia. A intenção é mostrar como o cercamento de terras e a caça às bruxas permanecem importantes para entender como a opressão feminina e o sistema econômico são intrinsecamente ligados e permanecem produzindo violência nos dias de hoje.

O primeiro artigo “Porque falar outra vez de caça às bruxas?” frisa a importância de se pensar na caça às bruxas como algo contínuo na história do capitalismo. Pensar a caça às bruxas como um fenômeno circunstancial levaria a crença de que o capitalismo

trouxe desenvolvimento social, negando também a existência de acumulação de capital no antigo mundo colonial. Ao considerar a caça às bruxas como um continuum, é possível entender que esse fenômeno se encontra na encruzilhada dos processos sociais do capitalismo moderno, como escravidão e extermínio de povos originários na época colonial. O segundo artigo, “Caça às bruxas, cercamentos, e o fim das relações de propriedade comunal” enfatiza a relação entre o desmantelamento dos regimes comunitários e demonização das comunidades afetadas pelo cercamento de terras entre os séculos XV e XVII, que tornou a caça às bruxas um instrumento efetivo da privatização econômica e social.

De acordo com Federici, o cercamento de terras inclui ocupação de terras, introdução de aluguéis extorsivos, perda de direitos consuetudinários e o fim dos auxílios aos pobres. Isso impacta diretamente a população feminina, principalmente as viúvas e idosas devido a perda de terras e heranças e de doações de alimentos e artigos de primeira necessidade proporcionados pelos senhores feudais. As medidas introduzidas pelo cercamento de terras incentivavam o crescimento de um novo espírito comercial no qual a esmola e a caridade não eram bem visto e causavam demonização e exclusão social de pessoas empobrecidas. Esse processo desencadeia uma resistência a pobreza por parte dessas mulheres, que impõe suas presenças na sociedade, fazendo delas pessoas inconvenientes e intransigentes. A resistência, baseada na rudeza, fez com que a figura da bruxa se tornasse símbolo de insubordinação social.

O capítulo “Caça às bruxas e o medo do poder das mulheres” trata da resistência à pobreza protagonizada pelas bruxas. Explica como o processo de pauperização causava revolta, colocando dois desafios para o capitalismo: derrotar a ameaça representada pela plebe que se revoltava devido à alta nos preços dos

alimentos, e forjar uma nova disciplina social que impulsionasse a capacidade produtiva das pessoas. Por isso, era necessário conter a revolta feminina e instituir um regime de terror que conformasse as mulheres em um modelo de feminilidade assexuada, obediente e submissa.

O capítulo “O significado de Gossip” acrescenta a essa noção de “ameaça feminina” ao abordar como o significado de “fofoca” foi modificado, de união feminina para intriga entre mulheres. O emprego de um sentido depreciativo à palavra contribuiu para destruir a sociabilidade feminina. Na literatura do século XV, a fofoca, que significava parceria entre mulheres, se transforma gradativamente em sinônimo de insubordinação e rebeldia digna de castigos físico, passando a significar conversa danosa e depreciativa. Por isso, fofoca passa a ser parte integrante da desvalorização da personalidade e trabalho das mulheres, em especial o doméstico, o que contribui para um estereótipo maldoso em relação às mulheres.

A segunda parte do livro inicia com “Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica”, ensaio baseado em uma apresentação de Federici no fórum sobre feminicídio em Boaventura, Colômbia, em 2016. O ensaio discute a relação entre a violência contra a mulher e as formas de acumulação capitalistas na contemporaneidade, mostrando que a caça às bruxas ainda é pertinente. As novas formas de violência contra a mulher têm sua raiz nas estruturas que constituem o capitalismo e seu poder estatal. As novas formas de violência contra as mulheres têm sua raiz nas tendências estruturais constitutivas do desenvolvimento capitalista e do poder estatal. Por isso, o processo de globalização é um processo político de recolonização para entregar ao capital o controle sobre as riquezas e o trabalho.

Esse capítulo adianta a situação de violência relatada no artigo “Caça às bruxas, globalização e solidariedade feminista na África dos dias atuais”, que denuncia o processo de caça às bruxas que ocorre em países como Quênia, Gana, África do Sul, Congo, Tanzânia e Zâmbia desde os anos 1980. Este movimento é resultado de programas de reajustes estruturais e liberalização comercial que desestabilizaram as comunidades africanas, minando seus sistemas reprodutivos. À medida que as economias locais são transformadas por políticas internacionais e pela “mão invisível” do mercado global, torna-se difícil entender porque uns prosperam e outros não. Com isso, se desenvolve um clima de ressentimento e suspeita mútuos, impulsionados pela proliferação de seitas cristãs, que auxiliam na injeção de medo e temor sob práticas tradicionais. Isso gera um ambiente de disputa intergeracional: os jovens sem perspectiva de emprego ou terra para cultivar e incapazes de prover suas famílias, sentem raiva dos idosos que após anos de trabalho retornam às suas comunidades natais para viver com suas aposentadorias e economias.

O ressentimento em relação aos idosos e o medo do diabo são fatores que, combinados, tem gerado violência e extermínio da população idosa e da mão de obra para caçar bruxas, devido à escassez de renda da juventude. A consequência disso foi a pauperização em massa de comunidades urbanas e rurais, levando pessoas a pobreza extrema, combinada com escassez de empregos e ressentimento sob a velhice. Esse cenário contribuiu com o surgimento de “caçadores de bruxas” e a comercialização desse tipo de serviço. Por isso, observa-se uma situação parecida com a experiência da caça às bruxas do século XV ao XVII, atravessada pela normalização da violência contra a mulher e comercialização da mesma.

Conforme Federici, embora existam homens que também

são alvo da caça às bruxas, poucos deles são associados à bruxaria. As mulheres são as principais vítimas, revelando um amplo ataque contra as mulheres que reflete uma drástica desvalorização de suas posições e identidades. Os valores religiosos androcêntricos, enxertados pela colonização produziram o estereótipo da mulher africana ciumenta, dissimulada, vingativa e predisposta à bruxaria. Isso cria um ambiente altamente misógino de tortura e provações físicas na caça às bruxas. A violência é o principal fator de preocupação da caça às bruxas contemporânea: a normalização e crescimento da brutalidade em relação ao corpo e tratamento das mulheres.

A autora tece críticas sobre como a situação da caça às bruxas na África vem sendo tratada pelas feministas. A predominância da investigação do fenômeno por cientistas sociais e jornalistas e a não manifestação do movimento feminista causaria despolitização e até mesmo a manutenção da caça às bruxas. Federici sinaliza que as feministas deveriam contribuir realizando investigações que analisassem as condições sociais das caças às bruxas para construir apoio de ativistas e dar visibilidade à situação.

Por fim, Federici conclui que a caça às bruxas não está vinculada a um momento histórico específico. Seus processos e mecanismos adquirem vida própria e são reproduzidos em tempos e sociedades diversas. A violência e demonização da mulher são elementos usados para dissolver comunidades, sendo constantes nos ataques contemporâneos às mulheres negras e colonizadas. As mulheres do terceiro mundo são transformadas em alvo de violência por políticas econômicas que as definem como “sem utilidade” e como “fardos para a comunidade”. Além disso, o ataque contra as mulheres vem da necessidade do capital em destruir o que não se consegue controlar, como a importância das mulheres na procriação e, portanto, na manutenção do capitalismo.

Mais uma vez, o trabalho de Silvia Federici estabelece a relevância do tema da caça às bruxas nos dias atuais, relacionando-o com os processos de colonização e globalização. A partir da contextualização sobre a caça às bruxas, sobre o processo de cercamento de terras e seus desdobramentos, pode-se observar de que forma os atuais processos do capitalismo envolvem mecanismos de controle feminino cada vez mais violentos, além de sua pertinência para a consolidação do capitalismo no passado e sua manutenção no presente.